

O JAPÃO NO FEMININO I TANKA

POESIA DOS SÉCULOS IX A XI

organização e versão portuguesa

LUÍSA FREIRE



2025

ONO NO KOMACHI

[834 - ?]

1

Será que apareceu
porque eu adormeci
a pensar nele?
Se eu soubesse que sonhava,
nunca teria acordado.¹

2

Quando o meu desejo
se torna intenso de mais,
visto a roupa de dormir
virada pelo avesso,
escura casca da noite.²

3

O meu desejo de ti
é forte para contê-lo –
assim ninguém vai culpar-me
se à noite for ter contigo
pela estrada de meus sonhos.

1 Os poemas de amor e desejo de Komachi representam uma voz nova na poesia japonesa, seguida nos séculos seguintes por outras mulheres poetas.

2 Neste poema vemos a poetisa acordada, seguindo o velho costume japonês de virar a roupa ao contrário para que se cumpra um desejo.

4

Não há comovê-lo
nesta noite sem luar –
estou deitada e desperta,
os seios ardendo em desejo
e o coração em chamas.³

5

Sei que tem de ser
assim no mundo real
e tão cruel –
até mesmo nos meus sonhos
nos escondemos dos outros.⁴

6

Embora vá ter com ele
pelos caminhos do sonho,
sempre e sem descanso,
nada iguala a realidade
dum real e mero olhar.

³ Este é um dos mais conhecidos poemas de Komachi e um exemplo acabado do seu domínio das chamadas palavras-pivot, relacionando em curto espaço imagens e sentidos. Assim, o vocábulo *tsuki*, que significa «luar» e «caminho», é aproveitado para implicar que a noite escura, sem lua, não deixou ver o caminho em que o amado viria.

⁴ Escrito depois que um amante a visitou em segredo. Numa variante do mesmo poema em vez de «esconder» aparece «temer» os olhos alheios.

A noite mergulha
com um veado a chamar
em som agudo
e, ao ouvi-lo, escuto
um lado do próprio amor.

Se isto fosse um sonho
certamente te veria
uma vez ainda –
por que tem o amor desperto
de ficar incompleto?

As cigarras cantam
à hora crepuscular
na aldeia do monte –
esta noite ninguém vem,
excepto o vento, visitar-me.

10

Pescador não deixa
a baía plena de algas...
Vais abandonar
este corpo flutuante
à espera das tuas mãos?⁵

11

Desperta esta noite
pela maior solidão,
não posso deixar
de ansiar ardente mente
a vinda de um belo luar.⁶

12

Este amor será
real ou um sonho apenas?
Como hei-de sabê-lo,
se a realidade e o sonho
existem sem existir?⁷

⁵ Aqui a palavra-*pivot* é *mirume*, uma das imagens favoritas da poetisa, que tanto significa «alga» como «olhos desejosos» de ver ou encontrar o amado.

⁶ Num dia em que a sua religião a impede de se encontrar com o amado, ao menos ela irá encontrar-se com a lua, usada aqui no masculino para que a tradução siga o sentido original do poema.

⁷ Esta composição é profundamente budista (e platônica, no Ocidente) ao questionar «o mundo do meio». No mundo humano, e em especial no mundo do amor, qual a verdade do sonho e da realidade? O que podemos dizer “real”?

13

Estão sempre verdes,
pinheiros do Monte Tokiwa –
pergunto-me se eles
reconhecem o Outono
no som do vento que sopra.⁸

14

Embora não haja
um só momento sequer
sem sentir saudades,
que estranho é, mesmo assim,
este entardecer de Outono.

15

O vento que enreda
é tal qual as derradeiras
rajadas de Outono.
Só um orvalho de lágrimas
é novo na minha manga.⁹

⁸ Neste poema temos em confronto o cenário natural, onde as coisas parecem não mudar, e o ser humano, em constante mutação. Aqui, o Outono pode referir o fim de uma relação ou simplesmente o inevitável envelhecimento.

⁹ O vento que enreda e confunde representa a ligação irónica entre passado e presente, o que fica e o que passa, pois as mangas agora molhadas de lágrimas estariam molhadas no passado Outono com o orvalho de algum encontro nocturno.

16

Terá o amor
de acabar em escuridão,
sem que vislumbremos
esse rasgão entre as nuvens
onde o luar enche o céu?¹⁰

17

As noites de Outono
têm fama de ser longas –
nada mais fizemos
que olharmos um para o outro
e é madrugada já.¹¹

18

Hoje de manhã
até minhas campainhas
estão escondidas
para evitarem mostrar
o cabelo em desalinho.¹²

10 Muitos poemas de Komachi são de solidão e abandono, mas este é de orgulho e de confiança em si, suficiente para convidar ao amor, uma faceta lendária da sua personalidade.

11 Como se disse na “Introdução”, os amantes costumavam vir secretamente no escuro da noite e partir antes do amanhecer. Aqui dá se conta de que o prazer do encontro foi adiando a sua consumação.

12 Este é um dos poucos poemas de Komachi em que se vê a felicidade de uma noite de amor, reflectida nas flores que, numa tradução à letra, se chamariam «rostos da manhã».

19

Esta estalagem
na estrada para Iwanoue
é fria para dormir...
Ó monge, se não te importas,
emprestas-me as tuas vestes?¹³

20

Pensei ter colhido
a flor do esquecimento
só para mim mesma;
mas encontrei-a a crescer
também no coração dele.¹⁴

21

Desde que o meu coração
me pôs à deriva em teu barco,
não passou um dia
que eu não ficasse encharcada
pelas altas frias vagas.¹⁵

13 Resposta do monge: «Os que deixaram o mundo / usam só um simples manto / de pano duro e grosso, / mas seria desumano / se não te desse guarida.» Deste diálogo poético todas as conclusões são aceitáveis.

14 Estranhamente a palavra Japonesa *wasuregusa*, que significa «flor do esquecimento», é o equivalente ao inglês «*forget-me-not*» e ao português «amor-perfeito». Há no poema um certo humor perverso.

15 Enviado a um homem volátil, que pareceu ter mudado de ideias. Tal como no poema anterior, existe um misto de humor e amarga honestidade.

22

O pescador de algas
volta sempre à minha praia.
Será que ele não sabe
que mais nada apanhará
nesta baía deserta?¹⁶

23

Como a fraca onda
que vai atrás da mais leve
carícia da brisa –
será assim que desejas
que eu esteja pronta a seguir-te?

24

Como a floração
que ainda não deu seu fruto,
é a onda branca –
 fingindo ser no recife
cabeça do deus do mar!¹⁷

¹⁶ Novamente aparece a palavra-*pivot* de duplo sentido: *mirume*, que significa em simultâneo «alga» e «desejo de ver», mas desta vez é o pescador que não desiste e a poetisa que não quer vê-lo. O seu corpo é «uma baía sem algas e sem desejo».

¹⁷ Este *tanka*, tal como o *haiku*, é extremamente visual, assemelhando-se a um rápido esboço de artista.